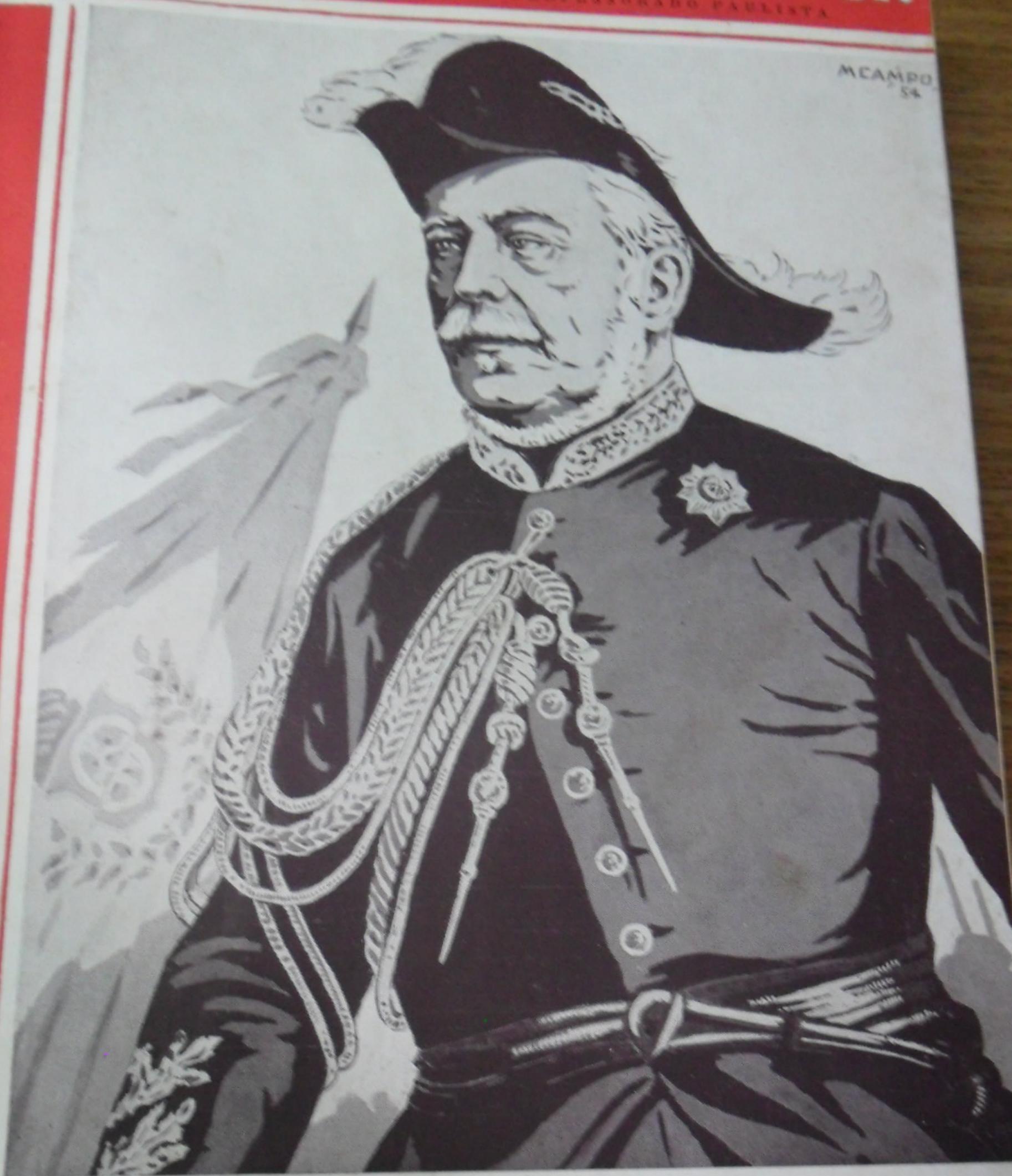


REVISTA do PROFESSOR

ORGAO DO CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA

MCAMPO
54



O ENSINO PRIMÁRIO e o seu entrosamento com o ENSINO SECUNDÁRIO

Prof. VICENTE PEIXOTO
São Paulo

De maneira a mais despretenciosa possível, abordarei, em linhas gerais, deste assunto o que sempre me pareceu mais necessário fazer-se, no setor do ensino primário, de modo a poder êle entrosar-se com o ensino secundário, sem saltos, sem lacunas e, por isso mesmo, sem riscos insondáveis e muitas vezes fatais para o resto da existência de nossa infância e de nossa adolescência.

Uma coisa, porém, quero deixar bem clara, desde logo, nestas minhas considerações, e é de que o objetivo principal a que visio com êste trabalho não é outro senão o de focalizar o assunto, de propô-lo à discussão e ao exame dos mais capazes na matéria e dos mais responsáveis por um problema que está pedindo, e de longa data já, estudos acurados para a sua completa e definitiva solução.

O problema é complexo e exige seja feito sobre êle trabalho cuidadoso, persistente, demorado, não apenas em extensão, mas também em profundidade.

A ligação entre êsses dois graus de ensino há de ser a mais suave possível e imaginável. O aluno, ao terminar o curso primário, não pode, não deve sentir, de modo violento, como acontece, a transição para o curso secundário. E muito menos deve encontrar as dificuldades, que até hoje êle tem encontrado, de ingressar no curso secundário. Daí a necessidade de se pesquisar qual dêles deve ser modificado e alterado, para que a transição se torne imperceptível e não cause os males das reprovações em massa, entre os ginásianos, e as dificuldades que tem causado, dando em resultado também as reprovações em massa, dos candidatos ao ginásio.

A meu ver, ambos tem de sofrer sensíveis alterações, visando à acomodação recíproca de um ao outro.

O ensino primário é a base, é o alicerce da majestosa construção que deve constituir a preocupação primária de um governo bem intencionado, de uma administração honesta e criteriosa. Dessa base, dêsse alicerce é que decorrem as outras fases do ensino e da educação em um país civilizado. É, pois, dêle, isto é, do ensino primário, que devemos cuidar em primeiro lugar. Assim agindo, podemos estar centes e conscientes de que estamos concorrendo, em grande parte, para a felicidade do povo.

A Capa dêste Número

Iniciando a terceira dezena de edições da "Revista do Professor", a capa do presente número ganhou modificações que lhe alteraram ligeiramente o aspecto. Assim, a tarja marajoára do rodapé passou a contar com a figura estilizada do muiiraquitã, a pedra da sorte dos indígenas do Amazonas; além disso, o título da publicação acha-se, agora, na parte superior.

O vulto homenageado — nem seria preciso dizer — é o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, cuja biografia se encontra no texto.

Esse é o problema principal, precípua, primordial de uma nação.

A sua organização deve ser apaixonante, deve empolgar todos os espíritos bem formados, deve congregiar todos os indivíduos dotados de qualquer parcela de capacidade e de autoridade, de boa vontade, de civismo e de amor ao próximo, para que essa coisa desagradável e aborrecida, em que se constitui a falta de instrução, seja extinta no país, ou ao menos se reduza a um mínimo insignificante de porcentagem.

Referindo-se à escola nos Estados Unidos, disse a eminente educadora d. Nair Lacerda, que de lá acaba de chegar: "Todo cidadão norte americano, dos três aos noventa anos, ou mais, se lhe parecer, pode dispor de uma escola, inteiramente gratuita, mesmo no que se refere ao material escolar."

Dos três aos noventa anos! Vale dizer, da escola maternal à escola de educação de adultos, que acolhe até indivíduos de 90 ou mais anos de idade, carecidos ainda de alguma instrução. Isso tudo, sabemos-lo bem, num entrosamento perfeito dos diferentes graus de ensino, da escola maternal com o jardim, o pre-primário, o primário, o secundário, o normal, o profissional e o superior.

"A instrução primária e a secundária, prossegue a ilustre professora, são compulsórias, as escolas estão sendo incessantemente levantadas e melhoradas, multiplicam-se como cogumelos em terreno úmido. A quarta parte da população frequenta a escola e dêsse número 40% irão para as universidades."

Ora, se 40% da quarta parte da população que frequenta a escola nesse país, vão para as universidades, é fácil deduzir quão suave deve ser a passagem de um curso para outro, até atingir as culminâncias dessa ascensão admirável.

Eis aí uma organização modelar que pode muito bem servir-nos de exemplo, sem no entanto causar-nos inveja e sem que a copiemos, pelos processos pouco recomendáveis da decalcomania. Com a prata de casa mesmo, que é também prata de lei, podemos fazer aqui coisa parecida. E para conseguí-la basta que a isso nos disponhamos, resolutamente, para que nos empenhemos, a fundo, em trabalho planejado, delineado para tal fim, de maneira que não possa haver solução de continuidade, numa mobilização geral de tôdas as forças e de todos os valores do magistério, até à vitória final.

Muitas arestas terão de ser aparadas, muito sacrifício terá que ser feito, mas convenhamos e concordemos que só assim é que poderemos realizar obra de vulto, benéfica em todos os sentidos para nossa Pátria e sobretudo duradoura.

Quanto trabalho de valor não se conhece por aí e quantos outros de real mérito não existem nas gavetas ou nas estantes de seus autores, à espera de um movimento de envergadura nesse sentido, em que todos poderão, diremos melhor — deverão prestar sua cooperação patriótica e decidida, para que possamos sair desta situação, em que nos encontramos, há tantos e tantos anos?

Agora, felizmente, com a constituição do Conselho de Educação, pelo ilustre titular da pasta que dirige os destinos do ensino em São Paulo, Conselho êsse em que todos os setores da instrução no Esta-

O papel que a educação desempenha na época de hoje é o mesmo que sempre desempenhou e há de desempenhar: preparação para a vida. Qualquer outra que seja a orientação a respeito conduz-nos invariavelmente a resultados negativos. Assim foi no passado, assim é e será.

Esse papel é importantíssimo. Não se trata aqui da mera aquisição de dados teóricos, exclusivamente, e, em si mesmo, sem interesse para a vida e seus múltiplos problemas; a educação tem, por assim dizer, um caráter metafísico. Ocupa-se de questões que interessam de perto e sobremaneira os indivíduos; tudo o mais converge para essa finalidade.

Na antigüidade, os jovens das classes eleitas submetiam-se a uma longa iniciação em conhecimentos de ordem não apenas teórica, mas também, e sobretudo, prática, que envolviam o aprendizado da polidez de maneiras e do perfeito auto-domínio, ao lado dos conhecimentos de ordem filosófica, artística e científica, sendo que entre os da última destacavam-se os matemáticos. No Ocidente, até há bem pouco tempo, nada mais belo do que a preparação, pelas Universidades de Cambridge ou Eton, dos estadistas ingleses — os homens que iriam mais tarde exercer o mando nos altos postos de sua Pátria. Que modelo a ser imitado! É de lamentar que a Inglaterra tenha modificado hoje esse estado de

coisas, pois ele representa, sem dúvida alguma, uma das mais elevadas conquistas da nossa cultura.

Eis o sentido da educação. Sem ela, tudo se prejudica e se confunde, tudo se transtorna; e as conseqüências de tal resultado são terríveis. A falta de moderação, a ausência de maneiras, a falta de uma vontade pertinaz e desenvolvida, o espírito inculto e sem lustro — são calamidades que podem ser agora bem avaliadas em nossos dias.

A Cultura Ocidental já não existe, no seu sentido íntimo e verdadeiro. O antigo espírito que mantinha essa preparação para a vida, esse refinamento de maneiras, essa nobreza de atitudes, a educação, enfim, já passou. A civilização tomou-lhe o lugar, e, com ela, vieram também o espírito de desleixo educacional e de vulgaridade. A distinção de modos e o desenvolvimento das aptidões naturais do indivíduo estão hoje, infelizmente, no mais completo abandono. E, com toda a certeza, impossível será modificá-lo: a evolução histórica do Ocidente assim o requer. Triste, mas verdadeiro.

Que nos resta, pois? A nós, últimos representantes da pedagogia no mundo ocidental, resta-nos apenas seguir nossa consciência, fazendo o que for possível, ainda, em prol da educação.

do se acham ali superiormente representados por grandes nomes do magistério bandeirante, penso que, pelo menos aqui, o primeiro passo está dado para a conquista de tão almejado desiderato. Oxalá possa esse Conselho de Educação realizar o trabalho de que tanto São Paulo tem necessidade, sem solução de continuidade, embora, como é forçoso, se substituam as administrações!

São Paulo já foi o pioneiro do ensino no Brasil, dizem a uma só voz os que conheceram no passado a nossa organização escolar. E hoje, não obstante as circunstâncias que se vieram acumulando, de certo tempo para cá, prejudicando-o grandemente, o seu ensino, em todos os graus, ainda é dos melhores, no país.

Dos cursos superiores da Universidade de São Paulo nada se pode dizer, tão grande e justa é a sua fama, em todo o Brasil.

Mas os cursos ministrados nas escolas primárias e secundárias do Estado têm dado margem a críticas e comentários reiterados, veiculados por intermédio dos órgãos de publicidade — rádio e imprensa — não só desta Capital como também do interior. Essas críticas, esses comentários e essas referências aos dois graus de ensino, já de si tão intimamente ligados e relacionados, são tão reiterados, tão assíduos, tão insistentes, que nos levam a crer e a considerar que realmente há qualquer coisa desajustada entre eles.

Foi precisamente esse fato que me suscitou o desejo de focalizar um assunto que deve ser do agrado e do interesse de todos os professores e educadores, a fim de que ele tenha a solução feliz e acertada que desejamos.

Os governos devem cuidar do ensino secundário, também chamado "fundamental", por isso que é ele

que abre aos interessados as portas dos cursos superiores, das academias, das faculdades, enfim das universidades; precisam dar-lhe o maior desenvolvimento possível, selecionando, por meio de concursos de provas, títulos e aulas, os seus professores, dotando-o do melhor e mais abundante material de que ele realmente tem necessidade e oferecendo-lhe as melhores instalações, no que concerne a prédios, laboratórios, museus, gabinetes, bibliotecas, etc.

Mas os governos não podem descuidar-se, um só instante, do ensino primário, a base de toda a organização escolar, de um país. É verdade que o ensino primário aqui não tem sido descuidado pelos sucessivos governos do nosso Estado. Professores há em quantidade suficiente, escolas se multiplicam todos os anos, instaladas não só nos centros mais populosos, mas também nos mais remotos rincões de São Paulo.

Entretanto, e é isto que provoca aquelas críticas e comentários, a que nos referimos, e que nos mostra a falta de ajustamento, de entrosamento, o desajuste entre o ensino primário e o secundário, — entretanto, dizíamos, por ocasião da apuração dos resultados do trabalho realizado e do ensino desenvolvido nas escolas primárias, e que é justamente a época dos exames de admissão aos ginásios, na Capital e no interior, as emissoras enchem o ar e os jornais, as suas colunas, de um noticiário quase uniforme, monótono, igual, penetrante, sobre as *reprovações em massa*. E enfileiram as perguntas e as objurgatórias, em títulos e subtítulos, com letras garrafais: "Serão os programas? Serão os examinadores? Falho o critério de atribuição de notas. Decadente o ensino primário. Será o regime dos exames? Serão os livros?" E outras que tais.

Precisamos, sem mais demora, descobrir as causas disso, e é o que veremos em nosso próximo artigo.